

## DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS SOB A LUZ DO EXISTENCIALISMO HUMANISTA DE SARTRE

CONTEMPORARY CHALLENGES IN THE LIGHT OF SARTRE'S HUMANIST EXISTENTIALISM

Thiago Teixeira\*

### RESUMO

Sartre é um dos grandes filósofos contemporâneos. Ele pensa a partir do caos da contemporaneidade. O desamparo existencial, os conflitos políticos e a Guerra são terrenos férteis para pensar a existência humana e sua exigência de uma ética, a partir da vivência contínua e intensa da violência. Neste trabalho, a violência aparece como um dos grandes desafios para a Filosofia Contemporânea. Buscaremos, assim, abordar esse tema em dois vieses: ontologia e moral.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre. Existencialismo. Violência. Ontologia. Ética.

### ABSTRACT

Sartre is one of the great contemporary philosophers. He thinks from the chaos of contemporaneity. Existential helplessness, political conflicts and war are fertile grounds for thinking about human existence and its demand for an ethic, based on the continuous and intense experience of violence. In this work, violence appears as one of the great challenges for Contemporary Philosophy. We will seek, we will approach this theme in two biases: ontology and moral.

KEY WORDS: Sartre. Existentialism. Violence. Ontology. Ethics

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade nos convida a pensar múltiplas questões. Neste trabalho nos propomos a pensar uma, de modo mais pontual: a violência, pois reconhecemos que ela, de algum modo, se tornou o chão para que alguns pensadores analisassem a realidade humana. Nós nos encontramos nesse contexto, isto é, consideramos que o existencialismo humanista de Sartre nasce como resposta à hostilidade que acompanha o cenário contemporâneo.

Sendo assim, nos dedicaremos a perceber esse ato, sob a luz das perspectivas filosóficas de Jean-Paul Sartre. Sua filosofia se constitui no horizonte da perda de uma essência para o homem, isto é, da supressão das categorias universais que lhe davam certa seguridade. Logo, podemos dizer que o existencialismo alvorece durante o cenário de Guerra, horizonte este no qual se constata

---

\* Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Doutorando em Ciências da religião da PUC Minas. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: [thiagoteixeiraf@gmail.com](mailto:thiagoteixeiraf@gmail.com).

muito sofrimento. Sartre chegou a afirmar que “éramos um monte de existências enfadadas, embaraçadas de nós mesmos, sem a menor razão para estarmos aí, nem uns nem outros, cada existente, confuso, inquieto, sentia-se demais em relação aos outros. [...] E eu fraco, enlanguescido, obscuro, movendo mornos pensamentos — eu também era demais.” (BARBOSA, 2008, p. 10).

Ao homem se atribuiu, até ali, uma dignidade ímpar. Ela era prévia e sustentada, sobretudo na confiança na razão. Sartre se coloca longe dessa confiança e, mais, se sustenta na precedência da existência em face da essência. Ao desconfiar daquela dignidade, o existencialista francês teria encerrado o homem no pessimismo? Ademais, o existencialismo seria de uma vez por todas a doutrina do desespero?

Ora, é preciso considerar que Sartre abre mão do essencialismo e o faz em nome de um otimismo que se funda, de modo irrestrito, no fracasso do homem. O filósofo, ao seu modo, coloca o fracasso como um pressuposto que se confunde com a realidade humana. Assim, é possível dizer que nós não somos completos. Somos a nossa própria liberdade.

A atmosfera da guerra nos coloca diante desse fracasso. Essa perda de sentido, em sua agudeza, aparece naquele cenário. Ali, as possibilidades, a realidade humana e a dignidade que se entrelaçou à sua existência são pressupostos suprimidos.

Podemos considerar a princípio que a perda da *dignidade humana* é algo de que Sartre se vale para erigir sua perspectiva filosófica. Destacamos, contudo, que a realidade da guerra fez com que essa exigência se tornasse emergente e significativamente violenta.

O corpo exposto e a humilhação, segundo o filósofo, eram situações recorrentes. Os soldados eram obrigados a ficar nus, a defecar na frente uns dos outros. Afirma também que essa nudez não era similar à dos atletas, mas de uma “fraqueza, infame e obscena” (SARTRE, 2005, p. 27).

Fazemos, sobre a nudez, uma alusão à perda de sentido e esperança do homem. Não há, no existencialismo qualquer sentido que anteceda à existência e, por isso, Sartre considera que o homem será aquilo que fizer de si mesmo sem que encontre apoio dentro de si ou acima de sua cabeça.

A guerra mostrou ao homem a sua condição de abandono. Ele estava nu e sem desculpas. Entregue à situação, a realidade humana se deparou com a angústia. Esta, como sabemos, atravessa a relação entre a liberdade e as condições reais nas quais estamos lançados. Há um movimento interessante a ser visto aqui. Na angústia, o homem — na figura do soldado — mascara a sua liberdade, dando-lhe forma completa ao entender-se ali como

uma peça que tem função dentro de um contexto. Para Sartre, a liberdade escolhe, nesse sentido, dar a si mesma forma coisificada.

Logo, a liberdade que enfrenta a sua condição angustiada não quer escolher e assumir a sua realidade, sua situação e, nesse sentido, promove uma fuga que chamaremos, orientados por Sartre, de má fé. Esse processo ocorre nos limites da liberdade, isto é, por ser livre o homem escolhe resignar-se como fuga constante de sua angústia. Nesse ínterim, surge, para Sartre, o *sub-homem*.

Não é um sub-homem de nascença que é preciso se conduzir depois à humanidade. Por outras palavras: não há relações de reificação se não houver, por princípio, relações humanas; não há relações de alienação se não houver liberdade. (SARTRE, 1986, p. 41).

A essa existência dá-se o título de sub, pois ela não tem coragem de assumir sua abertura, suas possibilidades, e se escolhe plena para que não tenha que lidar com a constituição permanente de si, com a responsabilidade com os outros e, no mesmo sentido, não se entenda engajada no mundo.

A guerra, nesse sentido, abriu um campo dúbio de escolhas: numa ponta, estavam os homens que reconheciam a sua liberdade e que lhe davam sentido autêntico, resistindo mesmo que a duras penas; e noutra perspectiva, estavam os homens que se resignaram e aceitaram aquele ambiente hostil como um destino que deveria ser cumprido.

O existencialismo nasce nessa tensão, o que nos faz pensar que a violência, de algum modo, atravessa as questões mais relevantes de suas perspectivas. Ao percebermos o homem como liberdade, isto é, ao designarmos a realidade humana como abertura, nós deixamos claro que essa liberdade é opressiva. Não há desculpas para o homem, e ele será aquilo que fizer de si mesmo — nos limites de sua situação.

Seu projeto existencial ocorre a partir do momento em que ele, o homem, vê-se em estado de derrelição e sem justificativa. A realidade humana experimenta o que podemos chamar aqui de uma “opressão da liberdade”. Esse paradoxo consiste em compreender que “o homem é livre por que não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é *tendo sido* no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser (SARTRE, 2009, p. 545).

A existência implica numa constituição que se dá nas escolhas. Elas configuram a nossa essência, bem como o horizonte humano pelo qual nos responsabilizamos e nos engajamos.

Encontramos no existencialismo em geral e em particular, nas perspectivas humanistas de Jean-Paul Sartre, uma proposta de verificação das relações entre as existências. Horizonte esse que nos faz transitar entre o problema do reconhecimento e a moralidade. Este artigo, portanto, se dedica a problematizar a percepção em relação ao outro nos limites da filosofia sartriana e, mais, favorecer o debate e a interlocução com a percepção do outro para além da dominação.

## 1 A VIOLÊNCIA DA MÁ FÉ: DA ONTOLOGIA À MORAL

Ao tratarmos da violência em Sartre nos vincularemos a duas perspectivas: uma nos limites da ontologia, outra, por sua vez, no campo da moralidade. Se pensarmos na ontologia, compreenderemos que ela se determina, como afirma Heidegger (2012, p. 7), como a “doutrina do ser”. Ela se ocupa da descrição dos modos de ser, e por essa razão Sartre declara que a “ontologia não pode formular de *per se* prescrições morais. Consagra-se unicamente àquilo que é, e não é possível derivar imperativos de seus indicativos” (SARTRE, 2009, p. 763).

Assim, nós entendemos que não se pode falar da moral assumindo a ontologia como narrativa, pois ela se ocupa exclusivamente da apresentação dos modos de ser e, por isso, nada poderia prescrever ou incitar. No entanto, embora a ontologia não trate de moralidade, é a partir dela que Sartre vai nos permitir acenar a uma perspectiva moral, que se pauta sobretudo na ação e na responsabilidade. Por isso é possível dizer que a ontologia “deixa entrever, todavia, o que seria uma ética que assumisse suas responsabilidades em face de uma *realidade humana em situação*” (SARTRE, 2009, p. 763).

Se o existencialismo resulta de uma nova proposta para compreender a realidade humana, resta-nos compreender os entornos dessa realidade a partir de seus pressupostos. No interior da filosofia de Sartre, o homem é compreendido como a liberdade de seu ser, isto é, ele não será nada além do que fizer de si mesmo.

Atesta-se no existencialismo humanista uma radicalidade da existência que se dá junto ao estado de abandono do homem no mundo. Para o filósofo francês, nós estamos lançados no mundo e não há, em lugar algum, sentido que anteceda a nossa existência. Logo, o homem

está entregue a sua própria realidade sem nenhuma justificativa, valor ou essência que se anteponha à sua realidade.

O existencialismo humanista declara que nós somos ampla e largamente responsáveis por aquilo que empreendemos, e não há uma natureza ou destino que nos sejam seguros. Ademais, o homem é incitado a se engajar no mundo e a compreender a si mesmo em situação. O que ocorre é que essa compreensão pode sofrer um dano, isto é, ao considerar o peso da liberdade — que aparece na realidade humana como a angústia — o homem mascara sua realidade dando-lhe forma totalizada. Essa adesão por uma vida resignada tem nome: má fé.

A má fé pode ser compreendida como a escolha do homem que dá sentido resignado e total à sua liberdade. Sartre entende que a consciência, esse movimento de busca por si no mundo, expressa-se através da negatividade. No contexto da má fé, o homem nega a sua própria liberdade e a angústia que a faz emergir. Então, escolher esse modo de ser é, sem dúvida, se abster da eleição e da configuração de um projeto autêntico.

Ela, a má fé, corresponde a uma mentira que o homem conta a si mesmo. Dessa forma, ele se abstém da radicalidade de sua liberdade e, mais, dá a si mesmo um destino que se pauta numa essência ou num destino; ele dá forma totalizada ao seu projeto e ali se esconde. Sartre diz que a má fé aparece como uma fuga constante e, mais, apresenta um erro, não em relação à moral (inicialmente), mas em relação à verdade. Nela o homem busca subverter a sua condição livre. Ele se vale da liberdade que é seu ser para se esquivar da sua responsabilidade. É possível entender essa disposição como uma violência? Inicialmente não, pois não estamos no campo do juízo de valor, mas sim da constatação. Embora não seja possível aqui estabelecer que a má fé é boa ou não, podemos saltar a outro horizonte, para que encontremos o que de fato buscamos: a moral.

Podemos dizer a princípio que a violência, no intramundo da filosofia sartriana, toma corpo quando o sujeito se abstém de considerar a responsabilidade. Pensamos que ali ele empreende uma dupla violência. Uma se refere à sua própria condição, isto é, ao mascarar a sua existência ele empreende uma atitude de má fé. A outra se refere à negligência que essa realidade humana imprime no que tange ao valor.

A má fé tem a estrutura de uma mentira. A questão é que nela o homem mente, mas mente para si mesmo ao ocultar a sua responsabilidade. Logo, identificamos a angústia como correlata à liberdade, visto que aquela surge como a consciência dessa liberdade. Ela, a liberdade, se dá como as possibilidades abertas ao homem. A realidade humana, assim, se

confunde com a abertura. No entanto, essa abertura gera no homem a angústia, pois não há nenhuma tábula de valores que sejam transcendentais nos quais esse mesmo homem pode se apoiar.

A realidade humana é sofredora em seu ser, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade que ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perder-se como Para-si. A realidade humana, por natureza, é consciência infeliz, sem qualquer possibilidade de superar o estado de infelicidade. (SARTRE, 2009, p. 141).

### 1.1 A má fé como negação de si e do valor autêntico

Através da conduta de má fé, o homem visa dar à sua realidade uma totalidade virtual. Ao voltarmos à investigação acerca do modo de ser da realidade humana, nós descobrimos sua realidade como para-si. Esse modo de ser determina-se pelo nada, pela abertura. O para-si é o ser que busca a si, nas lonjuras. A realidade do homem que está lançado no mundo se diz pela liberdade, ou seja, esse homem que não se desgarra do mundo está aberto às suas possibilidades. É possível dizer que a realidade da liberdade aparece, no bojo da existência humana, como negação.

Queremos definir o homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim, condição exigida para a realização do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre outras coisas à essência do humano. [...] A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do humano acha-se em suspenso na liberdade. (SARTRE, 2009, p. 68).

Destacamos então uma relação pertinente entre a existência, a liberdade, a situação e a angústia. O homem, por ser liberdade, existe e se constrói a partir de sua realidade situada. Ele é um ser situado e, por isso, sua liberdade é responsável por si mesmo, pelo outro e por sua situação. Todavia, quando a realidade humana se depara com essa responsabilidade radical percebe a sua angústia. Além disso, é possível dizer que a angústia ocorre como um pressuposto de todos “aqueles que já tiveram responsabilidade.”

Se a angústia está para a liberdade, assim como a existência humana está para a possibilidade, é possível dizer que a liberdade, enquanto realidade do nada, também lida com essa possibilidade nos limites da negação. Assim, o homem que escolhe ser de má fé, visa, sobretudo, abafar a força dessa angústia existencial. Ele escolhe não escolher, de modo que sua consciência se torna, aparentemente, completa. Esse homem se exime de sua existência

em nome de um destino. Ele nega a sua liberdade fiando-se naquela totalidade virtual que mencionamos há pouco.

Ao renunciar à sua liberdade — como se isso fosse possível — o homem busca se distanciar da responsabilidade de constituir sua própria existência, de erigir valor e, mais, dá sentido passivo à sua existência. Ativamente ele se torna passível e está entregue, como um objeto, nas mãos do outro e do destino que ele configurou maior que a si mesmo.

Essa falsa renúncia à liberdade deixa entrever algo mais profundo. Ao escolher não escolher, o homem indica sua tentativa fracassada de escapar de sua condição: a condenação à liberdade. Embora esse homem seja um ressentido e queira turvar sua existência, não há como negar que no bojo de todas as atitudes de má fé está a escolha de um projeto original.

Assim, a má fé acena à vontade de dar sentido completo a sua própria existência. O homem, que é a sua liberdade e vê a si mesmo como legislador de sua própria existência, escolhe a resignação como um valor.

Sartre nos apresenta a conduta de má fé através de vários exemplos. Para nós, o mais expressivo é o da mulher que vai ao encontro com um pretendente. Ela detém a consciência de todo o enredo daquela situação. Sabe de todas as possibilidades que são abertas a ela; tem ciência de que mais cedo ou mais tarde deverá tomar alguma decisão. A mulher, diante do homem que aparenta ser um rapaz sincero e respeitoso, negligencia seus desejos, pois estes a colocariam numa situação vexatória.

Essa mulher considera que seus desejos devem ser negados, para que o outro não sinta horror e nem se sinta ofendido. Logo, identificamos uma conduta de má fé, pois ela aguarda que o outro escolha por ela e, mais, ela insiste que ela a coloque numa posição objetual. Aqui, a mulher fez de seu *ser no mundo* inerte. Logo, o seu ser enquanto para si tomou forma plena diante do outro. Está claro para nós que aqui estão dois problemas: o primeiro se concentra na renúncia em determinar-se a si mesmo enquanto sujeito constituinte de valor. Para, além disso, identificamos a violência imbricada no ato de se colocar comumente nas mãos do outro como um objeto, um em-si.

## **2 O PROBLEMA DO OUTRO: ENTRE A LIBERDADE E A DOMINAÇÃO**

Evidenciamos que a experiência do outro aparece, em Sartre, como um desafio. O outro é uma realidade e não uma imagem analógica, uma extensão da nossa consciência.

Estamos no mundo junto aos outros e, por isso, eles se tornam mediadores indispensáveis da nossa existência.

Sua presença — enquanto uma existência — é real a mim. Isto é irrevogável. Nós partilhamos da mesma situação, da mesma facticidade. Todavia, é preciso destacar que essa aproximação, nos limites do existencialismo sartriano, se torna tensional. O que definirá violência nas relações humanas é o modo com que damos sentido a esse inferno, que é o outro.

Ao nos confrontarmos com o outro percebemos uma alteridade que se firma na possibilidade. Isso porque nós e os outros somos a liberdade de nosso ser. Desse modo, é possível que eu me coloque ou o outro me veja na condição de objeto. Ou então, essa percepção se dê no lugar do reconhecimento de uma condição livre e aberta. É evidente que na primeira afetação, tratamos, grosso modo, das relações sustentadas na má fé e na alienação, ao passo que a segunda forma se resguarda no campo da autenticidade e da tensão.

Se antes tratamos da má fé no horizonte da possibilidade ontológica, agora nós a percebemos como um problema moral. Ao considerarmos que o homem é o ser que faz a si mesmo, lançado no mundo e, mais, que se responsabiliza pelo modo que age sobre si mesmo e com afetação a outrem, destacamos que ele é cioso de uma constituição orgânica e aberta de valor. Nesse sentido, percebemos uma moral existencialista que se basila na ação, na responsabilidade e no valor.

Há uma perspectiva da alteridade no existencialismo. Esse encontro com o outro é ambivalente: ora ele acontece como reconhecimento das liberdades e daí surgem os valores constituintes de uma situação orgânica e engajada, ora esse encontro se dá na forma de sujeito e assujeitado. No que tange ao primeiro encontro, declaramos que ambas as liberdades são responsáveis mutuamente por si, bem como por toda a realidade circundante.

Essa reciprocidade é evidentemente instável, pois está diretamente associada ao modo com que nós vemos, isto é, se nos reconhecemos como objetos ou nos enxergamos como liberdades. Para Sartre, o reino dos fins absolutos é perigoso, pois tenderíamos a perceber o outro como um em-si, um absoluto. Talvez devêssemos, então, nos enxergar como liberdades, pois, assim, estaríamos prontos para constituir uma realidade orgânica e humana. Esse seria o pressuposto do engajamento: o homem escolhe a si mesmo, o outro e a situação, no panorama da autenticidade.

Inegavelmente, Sartre é reconhecido através de sua máxima que apresenta o outro como um inferno. O que nos inquieta está na seguinte questão: a diferença e o olhar do outro



são, em última instância, pressupostos negativos? Nós pensamos que a exigência ética do existencialismo sartriano se acha exatamente neste ponto: na constituição de um horizonte humano a partir do conflito das liberdades. Acreditamos, pois, que o universo da diferença e da realização concreta dessa tensão é fonte humana e humanizadora de valor.

Se o “para-si é o ser do valor” (SARTRE, 2010, p. 134.), como anuncia o autor, em *O ser e o nada*, não há como negar que esse valor acontece no encontro, na realização da liberdade e na compreensão da responsabilidade. Fazer a si mesmo é, ao mesmo tempo, prestar contas pelos valores e pelas eleições. Essa manifestação é humana, pois acontece num lugar, numa situação.

O valor é constituído, como a própria realidade humana, em situação. Não há como negar que ele se instaura exatamente nesse lugar: das diferentes existências que se encontram. Ele não é absoluto. O que significa que os valores existirão a partir das eleições humanas num contexto. Como sabemos, esse mundo concreto é marcado pela diferença e pela falta.

Nesse sentido, podemos dizer que o valor se relaciona com a falta. O encontro entre os homens é tensional, e isto é claro para nós. Pensamos que a superação da violência, como manutenção opressiva desse poder, está na afirmação da diferença e na responsabilidade radical. Logo, um caminho para a construção de um horizonte mais humano estaria na elaboração do conflito entre liberdades como manutenção do valor autêntico.

Uma valorização autêntica deve renunciar à tentativa de objetificar os valores. A valorização autêntica não se compara com os sistemas éticos provindos da metafísica clássica ou moderna; ela exclui qualquer princípio universal, abstrato e a *priori*. A autenticidade só pode se fundar sobre a condição de existência do para-si. Toda valorização autêntica deve se construir como recusa da má-fé e da alienação. (CASTRO, 2016, p. 271).

O risco de assumir uma condição abnegada incorre na construção de relações subjugadas. Sartre declara, fazendo alusão à segunda guerra, que o genocídio é a elevação dessa percepção do outro como objeto, à máxima potência. A colonização do outro desemboca na aniquilação total de sua vida, de suas possibilidades. Esse é o risco de se colocar como objeto para o outro e, mais, de submeter o outro nesse lugar subalterno. Nunca é possível mensurar a violência que pode decorrer dessa ausência de uma reciprocidade corajosa entre liberdades.

## CONCLUSÃO

Compreendemos que a contemporaneidade é marcada por uma violência que se instaura fortemente em suas bases. As grandes rupturas de pensamento, a recusa à Verdade, como se pensava até então e a perda de confiança na razão, na dignidade humana e na força positiva da ciência, fizeram com que a filosofia, nesse contexto se voltasse para a perda de sentido que, então, assola o homem.

Nesse contexto, o existencialismo humanista nasce requisitando a constituição humana a partir dessa ausência ontológica que, como Sartre mesmo acena, é opressiva. Além disso, colocamos em relevo a realidade humana que, nesse horizonte de falta radical, assume a possibilidade de duas condutas: má fé e autenticidade.

No que diz respeito à má fé, lemos a tentativa constante de fuga da angústia e dessa liberdade radical que, em alto grau, denota a existência. Para não se fazer homem, através da má fé o sujeito se faz coisa. Ele, no ímpeto de se resignar à sua existência, comete violência contra si mesmo. Outra conduta perigosa está na objetivação permanente de outrem, isto é, na manutenção da existência do outro que, por algum motivo, se encaixa numa estrutura totalizada e subjugada.

O risco da má fé é duplo, isto é, escolher não escolher nos inclina a permanecer na recusa de nossa liberdade e, ao mesmo tempo, nos coloca numa posição objetual. Nesse sentido, em nome dessa vontade de não sermos faltosos, somos preenchidos pelo outro, na medida em que lhe entregamos a nossa existência.

A ruptura dessa estrutura e, conseqüentemente, de uma lógica de violência e subjugamento, está na compreensão da existência enquanto constituição permanente de sentido e valor. Estes, por sua vez, se dão na dinâmica da responsabilidade. Em Sartre, ao assumirmos nossa falta original e nossa habitação gratuita no mundo, reconhecemos que somos o que fazemos de nós. Ademais, essa ação implica diretamente nosso encontro com o outro.

Entendemos que o valor que emerge desse encontro — que sim, é tensional — se fundamenta no confronto entre liberdades e, por isso, é orgânico. Pensamos que o reconhecimento das diferenças é fato crucial para a constituição de valores mais responsáveis, concretos e, por sua vez, mais humanos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Elyana. Jean-Paul Sartre, o filósofo da esperança. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos: ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008, p. 9-16.
- CARDOSO, Delmar. A liberdade em L'être et le néant: Descrição e problemas. **Síntese - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, n.103, 2005, p. 203-218.
- FLYNN, Thomas. **Existentialism: a very short introduction**; New York: Oxford, 2006.
- GÓIS, Cléa. Sartre: da consciência do Ser e o Nada ao Existencialismo é um humanismo. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Ontologia: hermenêutica e facticidade**. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- JEANSON, Francis. **Le problème morale et le pensée de Sartre**. Paris: Seuil, 1965.
- JEANSON, Francis. **Sartre par lui même: écrivains de toujours**. Paris: Seuil. 1955.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. O imperativo ético de Sartre. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 151-160.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **O conhecimento de si**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: São Paulo: Casa do Saber, 2011.
- MORAVIA, Sérgio. **Sartre**. Tradução de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- MÜLLER, Marcos. A má-fé e a teoria da negação em Sartre. **Manuscrito**. v. V, n. 2, Campinas, 1982.
- MÜNSTER, Arno. **Sartre et la Morale**. Paris: L'Harmattan, 2007.
- NOUDELMANN, F.; PHILIPPE, G. **Dictionnaire Sartre**. Paris: Champion, 2004.
- PFIEL, Claudio Luis. Moral em Sartre: uma porta para o possível. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly (Org.). **Sartre e seus contemporâneos. Ética, racionalidade e imaginário**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008, p. 147-161.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Cesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SANTOS, Magda Guadalupe dos. Alteridade, facticidade e igualdade: leituras de Sartre, Beauvoir e Levinas no processo de radicalização da Metafísica no século XX. In: OLIVEIRA,

Ibraim Vitor de; SANTOS, Magda Guadalupe dos (Org.). **Tempos da Metafísica**. Belo Horizonte: Tessitura, 2011, p. 53-93.

SARTRE, Jean-Paul. **Anarquia e moral**. Entrevista de Jean-Paul Sartre concedida a R. Fornet-Betancourt, M. Casañas e A. Gomes. **Concordia**, Espanha, n. 1, p. 75-77. 1982.

SARTRE, Jean-Paul. **Cahiers pour une morale**. Paris: Gallimard, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **Diário de uma guerra estranha**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues e Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul; PIERRE, Victor; PHILIPPE, Gavi. **Por que a revolta?** Lisboa: Sá da Costa, 1974.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Sartre no Brasil**. A conferência de Araraquara: filosofia marxista e ideologia existencialista. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Paz e Terra: UNESP, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Lisboa: Europa-América, 1968.

TROGO, Sebastião. **O impasse da má-fé na moral de J. P. Sartre**. Belo Horizonte: Ciência Jurídica, 2011.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

VERSTRAETEN, Pierre. **Violence et éthique**: esquisse d'une critique de la morale dialectique à partir du théâtre politique de Sartre. Paris: Gallimard, 1972.